



IMPLICAÇÕES EXEGÉTICAS DE GÊNESIS 2.7 O HOMEM FORMADO DE MODO ESPECIAL ENSAIO DE ANTROPOLOGIA BÍBLICA

SUMÁRIO

IMPLICAÇÕES EXEGÉTICAS DE GÊNESIS 2.7	1
O HOMEM FORMADO DE MODO ESPECIAL.....	1
RESUMO.....	1
ABREVIATURAS	2
INTRODUÇÃO	2
JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA.....	3
FUNÇÃO DE GÊNESIS 2 NA NARRATIVA DE GÊNESIS 1-11	5
ESTRUTURA DE GÊNESIS 2: 7	8
O USO DE NEPHESH E SUAS DIVERSAS SIGNIFICAÇÕES	12
YAHWEH ELOHIM NA MESMA SENTENÇA.....	14
GÊNESIS 2.7 NO NOVO TESTAMENTO GREGO.....	15
QUESTÕES DE GÊNERO LITERÁRIO: UMA CANÇÃO DE AMOR.....	17
O QUE NÃO PODEMOS AFIRMAR A PARTIR DE GÊNESIS 2	19
QUE PODEMOS AFIRMAR A PARTIR DE GÊNESIS 2	21
CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

RESUMO

É um texto de notável quantidade de detalhes e referenciais. Nenhuma expressão parece inocente ou sem sentido em Gênesis 2.7, a começar da expressão “formar” contrastada com as expressões “soprar” e “tornar-se”, passando por expressões como Senhor Deus, a ligação entre Adão e o pó da terra, as ligações entre sopro de vida e ser vivente, além das características poéticas da perícopo do versículo vai até o verso 25.



Não podemos esgotar os significados e importância do texto e há riscos envolvidos na interpretação. No entanto, consideramos o empreendimento edificante na busca de entendimento e sabedoria.

Deus nos criou de modo especial e estamos ligados a esta vida terrena e a ele, mas que experimentaremos somente no final, em Cristo Jesus, a verdadeira vida espiritual, quando na ressurreição Ele nos chamar.

Além disto, ainda não gozamos de plena união orgânica com nossos semelhantes e com a ordem criada, mas em Cristo esta condição será vencida e superada em qualidade e quantidade.

ABREVIATURAS

ARCF	<i>Almeida Revisada e Corrigida Fiel</i>
ARA	<i>Almeida Revista e Atualizada</i>
ARA	<i>Almeida Revista e Atualizada</i>
ARC	<i>Almeida Revista e Corrigida</i>
AT	<i>Antigo Testamento</i>
KJV	<i>King James Version</i>
LXX	<i>Septuaginta</i>
NT	<i>Novo Testamento</i>
NTLH	<i>Nova tradução na Linguagem de Hoje</i>
NVI	<i>Nova Versão Internacional</i>
SBB	<i>Sociedade Bíblica Britânica</i>
VC	<i>Versão Católica</i>

INTRODUÇÃO

Por meio do trabalho exegético consciente procuramos conhecer todas as implicações do Texto Sagrado em seu tempo, extraindo conclusões solidamente embasadas que nos permitam ancorar, explicar e aplicar nossas conclusões para a realidade presente, seja por meio do estudo bíblico na igreja, em pequenos grupos, palestras, mas principalmente pela homilética.

Afirmando assim, pressupomos que o Texto Sagrado não é uma realidade estática. Ou seja, ele não tem implicações apenas para seus leitores originais, mas para pessoas de todas as épocas e nossos contemporâneos. Os desafios culturais



e linguísticos não podem ser superados sem o apoio da história, do uso da gramática e sintática das línguas originais, além da longa tradição e interpretação judaica e cristã. Não sejamos pretenciosos de considerar a possibilidade de esgotar as significações do texto e, nem mesmo supor, que possamos elucidar alguns desafios que certamente surgem. Como diz Grant R. Osborne em seu livro *A Espiral Hermenêutica, uma nova abordagem à interpretação bíblica* (2009), da Edições Vida Nova na página 209:

Qualquer comunicação acontece quando uma fonte envia uma mensagem a um receptor. Deus, a fonte suprema, fala por meio dos autores humanos das Escrituras (fonte imediata) dentro das diversas culturas de seu tempo. Os receptores da mensagem interpretam do interior de outras culturas. Portanto, a tarefa do receptor da estrutura cultural contemporânea é captar a estrutura total dentro da qual o autor sagrado se comunicou e transferir a mensagem para nosso próprio tempo. Os aspectos culturais tácitos ajudam os intérpretes a atingir através das palavras a mensagem subjacente, que fora compreendida pelos leitores originais, mas se encontra encoberta para o leitor atual. O processo se torna um prelúdio necessário à aplicação do texto nas situações de hoje. "

Deste modo, a nosso critério, selecionamos o texto de Gênesis 2.1-25. Por se tratar de uma seleção relativamente grande atentaremos, sobretudo, na criação do homem e da mulher com suas devidas consequências para o restante da narrativa.

Neste caso, trataremos com mais detalhes apenas do verso 7, que na NVI diz: *"Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente."*

JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA

A defesa bíblico-teológica da espiritualidade do homem a partir da criação de sua parte imaterial pelo sopro de Deus nasce de Gênesis 2.7. As defesas da doutrina dicotômica e tricotômica surgem embasadas em textos com estes. Tomando como base o texto de Gênesis 2.7 discutimos no que o homem é especial ou diferente do restante da ordem criada.

A leitura cada vez mais integral do texto bíblico tem demonstrado que falácias e distorções podem surgir de interpretações de textos isolados de seu



contexto. Devemos considerar que, para a defesa de certas ideias e elaboração de todas as doutrinas centrais do cristianismo bíblico, devemos apresentar textos que mais fortemente respaldam esta ou aquela doutrina, do mesmo modo que este ou aquele texto pode embasar, de modo mais fraco, a mesma. Há textos bíblicos que são normativos enquanto outros servem de apoio para certas doutrinas. Gênesis 2.7 é um texto normativo, porque trata da criação do homem.

Outra questão importante no panorama exegético de um texto é que podemos interpretar anacronicamente uma determinada passagem. Ou seja, impor conceitos mais tardios da tradição (que é positiva) e da interpretação particular distorcida de outros intérpretes (que é negativa).

Este texto apresenta duas destas dificuldades no verso 7 com o uso de palavras como terra (הָאֲדָמָה – hadamah, da terra)¹ e a palavra *nephesh* (נֶפֶשׁ – lenepes, um ser vivente)². A Septuaginta impôs certos desafios ao traduzir pelas palavras gregas de então e que, por sua vez, ganharam novas interpretações e nuances ao longo da história. A palavra ψυχή³ (psiquén) é uma delas. Temos ainda que diferenciar os termos רוּחַ⁴ (ruach – espírito no AT) e πνεῦμα⁵ (pneuma – espírito no NT), outra dificuldade essencial .

É importante notar que Gênesis 2 reconta de modo mais direto e completo o que conta o texto de Genesis 1, incluindo inclusive a narrativa da criação do homem e da mulher (v.27), que vai de Gênesis 1.26-30 no sexto dia da criação, no qual também especifica detalhes de sua atuação conforme ordenadas por Deus (seus mandatos).

Deste modo, esta nova narrativa aberta em Gênesis 2, longe de uma repetição ou erro literário, aponta numa direção diferente e que funciona muito bem encaixando-se na narrativa de todo o livro, e não apenas na seção dos capítulos 1 e 2. É o que passamos a analisar agora.

¹ <http://biblehub.com/interlinear/genesis/2-7.htm>

² Ibid.

³ https://www.blueletterbible.org/lxx/gen/2/1/s_2001

⁴ <http://biblehub.com/interlinear/genesis/2-7.htm>

⁵ <http://biblehub.com/greek/4151.htm>



FUNÇÃO DE GÊNESIS 2 NA NARRATIVA DE GÊNESIS 1-11

Como regra, a interpretação geral do livro de Gênesis nos aponta para o livro como um todo dividido em dois grandes blocos temáticos: Gênesis 1-11 e a sequência de 12-50.

Em Gênesis 1-11 temos todo o relato da criação, a queda, os primeiros movimentos divinos para a redenção da humanidade, no sentido de repará-la do pecado, começando pelo diálogo em Gênesis 3:

“Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi”

Nesta passagem vemos a primeira tentativa de dar ao homem as condições de alcançar o perdão. O segundo grande bloco, Gênesis 12-50, vemos o movimento do patriarcado que dará origem à nação que receberá a Lei e todo o projeto para a redenção da humanidade.

O projeto respeita o desencadeamento: criação, queda, formação de uma nação a partir de um homem e sua família, seus descendentes, uma nação e por fim toda a terra. Segundo Derek Kidner:



“O livro se desenrola em duas partes desiguais, a segunda das quais começa com o aparecimento de Abraão na junção dos capítulos 11 e 12. Os capítulos 1 a 11 descrevem duas progressões antagônicas: o primeiro, a ordenada criação realizada por Deus, até o seu clímax no homem como ser responsável e abençoado; e depois a obra desintegradora do pecado, até o seu primeiro grande anticlímax no mundo corrupto do dilúvio, e seu segundo anticlímax na loucura de Babel.”⁶

R. N. Champlin⁷ aponta em seu comentário versículo por versículo que o livro de Genesis pode, inclusive, ser dividido em quatro grandes seções sendo: Livro do Principio (1-11), Livro da Fé (12-25), Livro da Luta (26-35) e livro da Direção (36-50). Sendo assim, uma forma diferente de nomear tais períodos, mas que parecem concordar com o esquema de que há em Gênesis o claro propósito de explicar o começo e justificar todos os atos e acontecimentos subsequentes.

A obra desintegradora, segundo vemos em Kidner, tem seu primeiro clímax no pecado em Gênesis 3, com o questionamento por parte da Serpente à mulher a respeito da ordem dada por Deus ao homem, ordem dada ao homem mesmo antes que a mulher também fosse formada (3.1-2). Nos chama a atenção a aparente ausência do homem no momento neste diálogo, haja vista sua manifestação de satisfação e reconhecimento assim que recebera a mulher como sua correspondente.

As consequências daquele ato logo se veem no mesmo capítulo com todas as consequências para a Serpente (v.14, 15), para a mulher (v.16), para o homem (v. 17, 19), e para toda a natureza (v. 17). Na sequência, vemos o homem nomeando sua mulher como Eva, como *mãe de toda a humanidade* (v. 20). A relação de Adão como primeiro homem (que veremos mais adiante) e Eva, como mãe de toda a humanidade, é a base bíblica teológica para explicar a imputação do pecado e de suas consequências sobre toda humanidade a partir desta matriz, já que há uma ligação orgânica e solidária de toda a humanidade.

Deste modo, vemos que:

1. Gênesis 1 declara a criação de tudo o que existe, incluindo o homem e a mulher;

⁶ KIDNER, Derek. Gênesis, Introdução e comentário – Série Cultura Bíblica. Edições Vida Nova, Volume I página 13.

⁷ Ver na página 6.



2. O capítulo 3 aponta para o primeiro anticlímax com o pecado;

3. Chegamos à conclusão que o capítulo 2, é apenas uma aparente repetição da criação para dar destaque especial à criação do homem. Homem criado de modo material e antropomórfico, em que Deus se apresenta com um artífice que manuseia o pó da terra (não o barro) e põe de si mesmo naquilo que está formando;

4. O que vemos em Gênesis 1.26-27 o homem foi criado por um ato declaratório, leva a conclusão que o capítulo 2 exerce as funções de, em primeiro lugar, detalhar de modo mais claro o modo de criação/formação⁸ do homem e da mulher; em segundo lugar, demonstrar o caminho percorrido entre a sua formação e queda, mas sem a intenção primária de detalhar a forma constituinte do homem, mas os princípios que o levaram a queda, ainda que o detalhamento desta formação seja fundamental para a discussão de quem o homem é de fato.

As tentativas de harmonizar os dois relatos esbarram em questões práticas relativas ao propósito de cada texto: um genérico e outro dedicado ao homem e à queda. Há estudiosos que afirmam se tratar de textos escritos por pessoas diferentes com propósitos diferentes. Concordamos que tenham propósitos diferentes dentro de cada narrativa, ainda que no mesmo livro: apontar para a narrativa anticlimática do pecado. Sobre essa questão Rolf Rendtorff (1998, p. 7), afirma que:

O leitor imparcial imediatamente notará que um não é mero complemento do outro; pelo contrário, os relatos apresentam duas exposições bem diferentes do processo da criação do mundo. O primeiro relato é bem sistemático na sequência das obras dos sete dias [...] de acordo com esse relato, tudo se originou aos poucos do nada caótico, mediante a vontade criativa e ordenadora de deus criador, a começar pelos elementos inânimes, passando pelo reino vegetal e animal até o ser humano. Conforme esse relato, Deus cria apenas através de sua palavra eficaz”.

E referindo ao segundo relato diz ele:

“Bem diferente é o segundo relato [...] aqui o estado caótico primitivo não é a água, mas a seca. No princípio da criação está o ser humano. Em

⁸ Mais a frente verá que o homem não é criado da mesma forma e no mesmo sentido que o restante da natureza, mas formado. Formado de modo especial.



seu redor são criados então, o reino vegetal e o reino animal. Esse relato é bem mais ingênuo e plástico, representando p. ex., a 36 atividades criadoras de deus como a do oleiro que forma um vaso de barro. É evidente que aqui foram colocados lado a lado dois relatos de criação distinto que originalmente eram independentes. Originaram-se em tempos e de autores diferentes, que, com respeito à criação, foram movidos por interesses bem diferentes (1998, p. 7). O segundo relato não é menos habilidoso. Mas em contraste com o primeiro, é concreto, apelando aos olhos da mente com muitos detalhes vívidos e factuais. A divindade não cria Adão por meio de uma ordem verbal; ela desce ao plano árido da terra, toma de argila⁹, molda com ela uma figura humana e sopra a vida dentro dela. O criador é antropomorficamente representado como um dos atores de um drama (GABEL, 1993, p. 90).

Fica clara uma função específica do texto em questão para a compreensão da relação de Deus com o homem, no antropomorfismo da linguagem, na descrição funcional e concomitantemente, com as consequências devastadoras da desintegração com o Criador e com a Natureza, incluindo a desintegração da família decorrente das ações isoladas tanto do homem quanto da mulher, conforme exposto a partir do capítulo 3. Segue agora a tentativa de emergir no texto, sobretudo no verso 7 que detalha a formação do homem¹⁰.

ESTRUTURA DE GÊNESIS 2: 7

O texto de Gênesis 1 é uma narrativa poética em forma de paralelos: luz, água terra, luminares, animais marinhos e animais terrestres. A linguagem mais direta e antropomórfica de Gênesis 2 não escapa às intenções mais poéticas e literárias do autor original na escolha da forma narrativa, na escolha dos verbos e na fluência do texto conforme veremos.

⁹ Conforme veremos mais a frente o próprio comentário que nos serve neste momento como destaque para nossa análise sobre a comparação das duas narrativas, esbarra no anacronismo da argila no lugar do pó da terra, conforme defenderemos aqui. A ideia da argila é mais tardia e serve como interpretação do vaso de barro (argila) nas mãos do oleiro para que seja moldado e, se necessário, refeito. O efeito da expressão pó da terra aqui, nos parece fundamental para a interpretação correta da narrativa.

¹⁰ Estamos usando, como justificaremos posteriormente a expressão "formou" à expressão "criou".



Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.

Podemos dividir o texto em três sentenças menores com as ideias principais.

1. Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra.
2. E soprou em suas narinas o fôlego da vida.
3. E o homem se tornou um ser vivente.

Frases	Sujeitos	Verbos	Complementos 1	Complementos 2
1	Então o Senhor Deus	Formou וַיִּצְרָה <u>way-yî-ṣer</u>	o homem הָאָדָם ha-a-dam relação de objeto direto por causa de	do pó da terra עָפָר - פֶּחַל ha-a-da-mah
2	E (o Senhor Deus)	Soprou וַיִּפֹּחַ <u>way-yip-pah</u>	O fôlego da vida (na ordem direta da oração) נִשְׁמַת הַיּוֹם nis-mat hay-yim	Em suas narinas
3	E o homem	se tornou (tornou-se) וַיֵּהְיֶה <u>way-hî</u>	um ser vivente relação de objeto direto לֶנֶפֶשׁ חַיָּה le-ne-pes hay-yah	xxxxxxxxxxxxxxxx

Observamos o seguinte a partir do esquema anterior:

1. Os três verbos, que são bem distintos em português, ou seja, formar, soprar e tornar-se, são consonantes em hebraico e suas raízes são muito parecidas: way-y (transliterado), soando como três respiros consonantes dividindo as três sentenças. Quando falamos do ato criativo de Deus, devemos perceber uma diferença sutil do que temos em Gênesis 1.1 com o verbo bará (transliterado), que é um ato criado *ex nihilo*, ou seja, criação a partir do nada.
2. O que é bem diferente no texto em questão porque o homem é criado a partir do pó da terra e a partir do sopro divino que lhe confere vida, no



caso, fazendo do mesmo um ser vivente. Neste sentido a linguagem antropomórfica parece intencional no sentido de apontar para uma intervenção direta e especial, quase artística no ato criativo (formativo) de Deus. Segundo Derek Kidner, comentando o verso 7:

Formou expressa a relação que existe entre o artífice e o material empregado, com implicações tanto de habilidade quanto de soberania que o homem esquece a seu risco. Ao passo que soprou calorosamente pessoal, com a intimidade do contato face a face de um beijo, e com o significado de que este era um ato de dar, bem como de formar, e dar-se a si mesmo inclusive.

3. O mesmo se segue quanto ao verbo soprar, para muitos “*soprar de dentro de si*”, como que tomando de sua própria essência para dela transmitir ao homem, o que poderia ser uma ampliação da ideia de Genesis 1: 26, 27 do “*façamos o homem a nossa imagem e semelhança*”, que não traz em si a ideia de tirar de si mesmo para colocar no homem, mas a ideia de criar/formar o homem a partir de si mesmo como matriz. A forma passiva do terceiro verbo, *tornou-se*, faz do homem o objeto de todas as ações de Deus.
4. As expressões *homem* e do *pó da terra* têm também a mesma raiz, logo *homem* e *pó da terra* são derivados da mesma ideia. Deste modo, vemos uma unidade orgânica do homem com a natureza anteriormente criada. A linguagem poética não esconde o fato de que o homem deriva de modo especial da natureza, do pó da terra, ainda que muitos comentaristas apontem um sentido ambíguo difícil de ser decifrado entre as expressões *homem* e do *pó da terra* conforme o texto hebraico¹¹. Conforme veremos adiante a Teologia Paulina explorará a ideia de terreno e celestial a partir deste texto, o que não parece apenas razoável, mas lógico também.
5. Aqui vale a observação da diferença entre *pó* e *barro*. A expressão para *pó* no texto é *אֶפֶר* (a-par), que é diferente de *בָּרָה* (barro, conforme Jeremias 18: 4¹², por exemplo). Muitos devem às descrições (anteriores e

¹¹ BEALE, G.K., Comentário do uso do ANTIGO TESTAMENTO no NOVO TESTAMENTO. Vida Nova, 2014. Páginas 928-929.

¹² “Como o vaso, que ele fazia de barro, quebrou-se na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos olhos do oleiro fazer.”



vindas da antiga Grécia) de Hesíodo¹³ o fato de ter colocado água no pó da terra deste texto e mais tarde esta ideia ter sido incluída na interpretação do texto. Mesmo que o verso 6 diga que a água irrigava toda a superfície do solo, não queremos desconsiderar a diferença das expressões ali utilizadas que servem bem a narrativa, não podendo ignorar que havia porções de terra seca, portanto pó, como podemos deduzir do que diz o verso 5, ou seja, uma porção ainda seca. Mesmo intérpretes como R.N. Champlin assumem a presença de água na formação do homem ignorando a sutileza da expressão para o mais da interpretação do texto. Ele afirma, comentando o mesmo verso:

Por outro lado, alguns estudiosos insistem aqui em favor da alma, pois o homem é um ser especial. Deus formou o corpo do homem do pó da terra e de água. E isto quer dizer que o homem tem uma porção material e uma porção imaterial o homem foi criado como um ser racional e espiritual¹⁴.

6. É possível encontrar alguma métrica pelo número de sílabas entre as expressões flego da vida e ser vivente, uma métrica quase musical.
7. A expressão *Nephesh* (espírito) é traduzida na LXX como Psiquê, e temos a contraposição de Ruach (espírito no hebraico, transliterado) para o Pneuma (espírito no grego, transliterado). É bom se notar neste momento esta diferença que nos será útil em momento seguinte. *Nephesh* e Ruach – *nephesh* Gn 2.7, ruach é usado para o espírito de Deus. Na Septuaginta traduziu *nephesh* por psique, ruach para pneuma. *Nephesh* reforça a ideia da vida animal do homem, sua existência pura e simples, enquanto ruach e pneuma se referem à vida mais elevada e ligada a Deus. Esta diferenciação, segundo F.F. Bruce pode servir a ideia

¹³ Hesíodo (em grego: Ἡσίοδος, transl. Hēsíodos) foi um poeta oral grego da Antiguidade, geralmente tido como tendo estado em atividade entre 750 e 650 a.C., por volta do mesmo período que Homero. Sua poesia é a primeira feita na Europa na qual o poeta vê a si mesmo como um tópico, um indivíduo com um papel distinto a desempenhar. Autores antigos creditavam a ele e a Homero a instituição dos costumes religiosos gregos, e os acadêmicos modernos referem-se a ele como uma das principais fontes para a religião grega, as técnicas agrícolas, o pensamento econômico (chegou a ser referido, por vezes, como o primeiro economista), a astronomia grega arcaica e o estudo do tempo.

¹⁴ CHAMPLIN, R.N. O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. São Paulo: Hagnos, 2001, páginas 22-23.



de evitar ligar o homem a um ser semidivino, fazendo assim um meio-termo entre uma vida meramente animal e uma vida divina. A tradução da NVI parece bastante razoável quando propõe a tradução como “ser vivente” já que a expressão *nephesh* não parece supor nada de muito especial, mas apenas um ânimo de vida ao pó informe e amorfo. Podemos ver outras traduções para as devidas comparações.

ARA - “ Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.” Esta versão parece levar em consideração a ideia de psique na LXX.

ARC - “ E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.” parece levar em conta o mesmo princípio da ARA.

NTLH - “ Então, do pó da terra, o SENHOR formou o ser humano. O SENHOR soprou no nariz dele uma respiração de vida, e assim ele se tornou um ser vivo.” Esta versão tira o peso da alma e coloca no texto apenas a intenção de dizer que o ser feito do pó passou a ter vida.

KJV - “ Então o SENHOR modelou o ser humano do pó da terra, feito argila, e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.” Do mesmo modo que NTLH, o peso reside no fato de que passou a ter vida apenas.

O USO DE NEPHESE E SUAS DIVERSAS SIGNIFICAÇÕES

Daremos atenção ao termo no texto de Gênesis 2.7: *nephesh*. Ela aparece cerca de 755 vezes no Antigo Testamento, e a LXX traduz por *psiquê* em 600 destas passagens. O apóstolo Paulo segue esta tradução da LXX como veremos a seguir.

Em boa parte das citações, a ideia mais aproximada para tradução seria garganta e estômago, dando a ideia de algo que é difícil de ser saciado. Significados assim encontramos em textos como Isaías 5.14, Habacuque 2.5, Salmos 107.7, Eclesiastes 6.7, Provérbios 10.3.



Pinheiro afirma que (Jorge Pinheiro, 2001, Pág. 46):

Nephesh não traduz algo bom ou mal, mas uma realidade, a realidade das necessidades fundamentais e imprescindíveis da alma humana, que ao não serem ou não estarem preenchidas por Deus produzem alienação, individualismo, descrença, ignorância e idolatria. Como o sopor de Deus pode ter gerado um homem com tal índole de insaciabilidade? Se entendermos a *nephesh* como órgão das necessidades vitais, dos movimentos emocionais da alma, somos levados a entender o pensamento sintético hebreu ao ver *nephesh* como síntese da própria vida. Assim, as necessidades humanas criadas pelo próprio Deus só podem ser saciadas por Ele.

A mesma expressão é usada em Gênesis 1.24 relacionada aos animais, ou seja, os animais também são *nephesh*, ou seres viventes.

A ideia de *nephesh* como alma é mais tardia, mas derivada da ideia de que o homem recebeu de Deus esta característica por meio de um sopro direto conforme a narrativa em Gênesis 2.7.

Estas conclusões apontam em *nephesh* uma conexão mais intensa no sentido das necessidades vitais, do que necessariamente de uma espécie diferenciada de poder sobrenatural ou divino soprado para dentro do homem. Entretanto, a formação especial do homem e sua posição de maior relevância diante de Deus e da natureza, ainda está presente.

Esta posição de superioridade se confirma em versos com o verso 2.20 que diz

“assim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens. Todavia não se encontrou para o homem alguém que o auxiliasse e lhe correspondesse”.

Ora, a condição especial do homem lhe colocou sobre o domínio de toda a criação. Vemos o homem nomeando os seres criados conforme sua capacidade especial e vontade.

Quanto à mulher: Deus se esquecido de pensar a respeito de uma companheira para o homem, mesmo não tendo se esquecido de uma companheira para os outros animais? Claro que não. A expressão deste mesmo verso serve bem a narrativa que coloca o homem em condição especial, mesmo que agora comparado com os animais que já tinham suas companheiras. A mulher também foi criada de modo especial à partir do homem, mas pelas *mãos de Deus*.



YAHWEH ELOHIM NA MESMA SENTENÇA

Yahweh Elohim, conforme as versões que foram apresentadas, sempre traduziram como as expressões como SENHOR DEUS, com destaque para Senhor (YAHWEH).

F.F. Bruce destaca a presença dos termos YAWEH ELOHIM na mesma frase como título único. Yahweh como o Deus que se revela ao homem e passa a cuidar de modo especial dele. E Elohim como o Deus poderoso acima de todas as coisas. Se em certo sentido podemos entender o termo *nephesh* como suavemente diferente quando usado para o homem, distinguindo-o dos restantes dos animais, e a expressão pó da terra criando uma necessária conexão do homem com o restante da criação. Yahweh revela o Deus que governa e está acima de toda natureza. Elohim é o Deus que dá vida aos seres vivos e ao homem em especial. Nomes que revelam características da transcendência e da imanência divinas, ora compartilhadas ora reveladas ao homem. É o momento em que a expressão *nephesh* passa a ter um sentido suavemente diferenciado quando aplicado ao homem, não apenas pela linguagem, mas por sua relação direta e especial com Yahweh Elohim.

Cosmogonias e teogonias de outros povos apontam esta relação, mas sempre de modo mais fraco ou mediato. O mito do Enuma Elish¹⁵ dos babilônios, uma das mais importantes e citadas, parte de um grande acervo bibliográfico da tradição babilônica ainda preservada, contemporâneo de Gênesis, apresenta Marduque como um deus superior a todos os outros deuses da Mesopotâmia. Enuma Elish traz a água como elemento fundamental da criação e não a Palavra ou Vontade Divina. A cosmogonia babilônica é politeísta e *os deuses* mais jovens também são criados a partir da água. São deuses que guerreiam por orgulho e a criação seria o resultado deste conflito¹⁶.

Gênesis é um claro contraste ao apresentar Yahweh como único Deus, de não querer vindicar ao homem as realidades humanas à sua *suposta* ligação direta

¹⁵ O Enuma Elish é o mito de criação babilônico. Foi descoberto por Austen Henry Layard em 1849 (em forma fragmentada) nas ruínas da Biblioteca de Assurbanípal em Nínive (Mossul, Iraque), e publicado por George Smith em 1876.

¹⁶ <https://thoth3126.com.br/sumeria-anunnaki-enuma-elish-a-epopeia-babilonica-da-criacao/> consulta in 25.02.2020 às 09:12.



com a divindade Marduque, mas apresentar toda a humanidade como tendo sido criada igualmente pelo Senhor Deus (Yahweh Elohim) e ligadas, pela sua própria natureza ao Deus, criador e/ou *formador* de todos os seres humanos.

GÊNESIS 2.7 NO NOVO TESTAMENTO GREGO

Partindo do princípio hermenêutico de que a Bíblia interpreta a si mesma, encontramos no Novo Testamento uma referência direta ao texto de Gênesis 2.7 na 1 Carta de Paulo aos Coríntios 15.45. Diz o texto na NVI: “*Assim está escrito: ‘O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente’; o último Adão, espírito vivificante*”.

Temos texto grego os destaques anteriormente já citados.

“οὕτως καὶ γέγραπται Ἐγένετο ὁ πρῶτος ἄνθρωπος **Ἀδὰμ εἰς ψυχὴν**
ζῶσαν· ὁ ἔσχατος **Ἀδὰμ εἰς πνεῦμα** ζωοποιοῦν.”

Percebamos os dois destaques sublinhados e em negrito e como o contexto pode nos ajudar. Então,

1. Primeiramente, vejamos o primeiro *Adam ligado ao termo psique*. No segundo destaque, *Adam ligado ao pneuma*.
2. Paulo está defendendo o seu apostolado e o faz alicerçado no poder do Evangelho (15.1-8);
3. Ele está defendendo a ideia de que a fé cristã é verdadeira porque Jesus ressuscitou e vamos ressuscitar também. Não pode haver dúvida quanto a ressurreição per si e nem quanto a natureza desta ressurreição (15.9-13);
4. Paulo afirma que esta vida tem pouco ou nenhum valor se todo o esforço que se fizer for apenas para esta vida presente, que é a vida terrena. É uma referência cruzada com Gênesis 2.7 (15. 14), o homem não é só pó da terra;
5. Baseado nas testemunhas e registros de então, Cristo ressuscitou - nossa ligação íntima e espiritual com Ele (união hipostática) nos conferirá a mesma ressurreição (15.20);
6. Neste momento começa a virada no argumento para comprar a vida do homem ressurreto (o último homem) comparado ao terreno (o primeiro homem), ou o celestial e terreno, sendo que o primeiro produz vida e o



segundo produz a morte (15.20-23), um é só pó da terra e outro é espiritual;

7. Inicia agora a defesa da grandeza daquele que é do alto, espiritual, ou seja, que não é do pó da terra, meramente terreno, mas sim espiritual ou *espírito vivificante*, diferente de ser vivente. Esta observação lança luz sobre o texto de Gênesis dizendo que a tradução por espírito vivificante pode trazer uma série de desentendimentos do texto. Daí nossa preferência por ser vivente (15.24-28);
8. Paulo segue elaborando questionamentos presentes na igreja e os confronta com o próprio testemunho, chamando a atenção para que não se deixem corromper pelas falsas ideias que os tem afastado do verdadeiro Evangelho (15.29-34);
9. A argumentação mostra a lógica que há nas diferenças entre aquilo que é do Céu e o que é da terra. Esta argumentação chama a atenção dos leitores à falta de percepção dos coríntios do que é esta vida e do que será a vida futura (15.34-44);
10. E, agora, chegamos ao nosso texto. O primeiro Adão tornou-se um ser vivente, ou seja, é meramente terreno e tem vida como tem qualquer outro ser vivente e, deste modo perecerá. Este é o primeiro Adão. O segundo é espírito vivificante, de pneuma, ou seja, de natureza superior, elevada e eterna. Há diferentes pesos na correlação entre aquele homem do pó da terra e o crente ressuscitado por Deus em Cristo Jesus (15: 45);
11. A partir de então, o apóstolo Paulo aponta que esta natureza superior e elevada cabe perfeitamente em todas as esperanças ao afirma que:

Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial. “Irmãos, eu lhes declaro que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem o que é perecível pode herdar o imperecível, mas é importante ressaltar que ele afirma que estas duas natureza são sucessivas, ou seja, a celestial é oriunda da terrena” (15: 49-50).

12. Algumas questões de natureza textual ainda são importantes. A primeira delas é destacar a inclusão do primeiro Adão, que não consta em Gênesis 2.7, mas que lhe serve perfeitamente no argumento comparativo entre as duas naturezas, ou seja, o homem conforme foi criado em Gênesis e a nova natureza, ou o novo homem, criado em Cristo. A outra



questão é que, a partir de Gênesis 2.7, Paulo reafirma a questão escatológica tão presente em seus escritos, no qual a natureza terrena terá cabo em suas manifestações, defeitos, idiossincrasias quando da Parousia, a Segunda Vinda de Cristo.

QUESTÕES DE GÊNERO LITERÁRIO: UMA CANÇÃO DE AMOR

Observando o texto de Gênesis 1.26-27, vemos o texto citando a criação do homem e da mulher, mas em Gênesis 2 temos destaques especiais para formação dos dois. O homem do pó da terra e do sopro de vida e a mulher das suas costelas conforme vemos em 2.21-25:

Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a trouxe a ele. Disse então o homem: Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada. Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne. O homem e sua mulher viviam nus, e não sentiam vergonha."

Grant Osborne cita em seu livro *A Espiral Hermenêutica* (pág 297), ao tratar do livro *Cânticos dos Cânticos*, como sendo uma canção do amor redimido. Ele cita Gênesis, os capítulos 2-3, como a base para este poema de amor:

Tampouco concebo a configuração de uma estrutura tão solta, que represente uma mera compilação de poemas (quanto a Cântico dos Cânticos¹⁷) (de qualquer modo, ver Longman 1997: 1237-1238, que entende a formatação do texto, conforme Adão e Eva em Gênesis 2-3 a em, nos termos de uma narrativa da "sexualidade redimida"). A característica central é certamente o amor entre os dois.

Um texto notadamente poético (Gênesis) e que alimenta outro texto poético no Antigo Testamento (Cânticos dos Cânticos).

A linguagem de Gênesis é carregada de simbolismos: há um sono profundo, o processo acontece enquanto Adão dormia, as costelas são a matéria-prima (é do lado de Adão, ou seja, para estar ao seu lado), foi fechado o lado com carne, fez

¹⁷ Inserção minha.



uma mulher e lha trouxe, elas *são ossos dos meus ossos e carne da minha carne*. E mesmo antes que houvesse família constituída, o autor do texto acrescenta uma conclusão que lhe pareceu inevitável: “*Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne*”¹⁸:

Não apenas a questão de gênero literário, mas de gênero sexual podem ser destacados aqui: a mulher oriunda da costela do homem com sua ajudadora (ARCF), auxiliadora (NMI) idônea (SBB) ou adequada (VC), dada por Deus a partir da observação de que entre todos os seres criados, até então o homem era o único que não tinha alguém que lhe *ajudasse, auxiliasse, lhe fosse idônea ou adequada*.

O texto completa a formação da mulher: *e se tornarão uma só carne*, no traz questão de vínculos sexuais, familiares e colaboração em toda a vida, compartilhada em um ambiente absolutamente perfeito como vemos entre os versos 8-15:

Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, para os lados do leste; e ali colocou o homem que formara. O Senhor Deus fez nascer então do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento. E no meio do jardim estavam à árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. No Éden nascia um rio que irrigava o jardim, e depois se dividia em quatro. O nome do primeiro é Pisom. Ele percorre toda a terra de Havilá, onde existe ouro. O ouro daquela terra é excelente; lá também existem o bdélio e a pedra de ônix. O segundo, que percorre toda a terra de Cuxe, é o Giom. O terceiro, que corre pelo lado leste da Assíria, é o Tigre. E o quarto rio é o Eufrates. O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo.

A sequência do texto mostra as restrições quanto à árvore do conhecimento do bem e do mal e a nomeação de todos os animais. Um ambiente perfeito e completo. Um texto fundamental para reforçar a questão das diferenças entre homem e mulher, principalmente de natureza funcional, ou seja, desempenham papéis diferentes, mas complementares.

¹⁸ Cabe uma brevíssima exposição das implicações deste texto. *O homem deixará seu pai e sua mãe* – o homem se casará ao ter condições morais, espirituais e materiais para formar uma família e só a fará sob o consentimento dos pais. *Unir-se-á à sua esposa*. declara que a união conjugal é pública e testemunhada. Pode implicar naquela cultura a festa com consentimento paterno público e na nossa cultura o casamento civil e religioso. *E serão os dois uma só carne*. a confirmação do casamento pelo ato sexual e todas as suas implicações para a formação de uma família com filhos.



A ordem da formação (criação) neste sentido, assume, dentro da teologia paulina uma questão de suma importância. Em I Timóteo 2.13-14 está escrito: *“Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva. E Adão não foi enganado, mas sim a mulher, que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora.”* Deste modo, a narrativa de Genesis 2 mostra-se fundamental dentro da questão dos papéis masculinos e femininos, assim como a base primeira e fundamental da relação entre os mesmos homens e mulheres.

Como citado anteriormente, devemos destacar a força poética do verso 20, no qual a mulher surge como resposta a um problema novo: o homem não tinha uma companheira que lhe correspondesse como os outros animais. É claro que a mulher já constava dos planos divinos e sua presença se daria a seu tempo, como o foi. Entretanto, a linguagem realça não somente a formação da mulher, mas também toda a alegria e bem-aventurança decorrente de sua presença na vida do homem. A mulher é posta nesta condição como bênção e grande presente de Deus ao homem. O momento dramático da criação da mulher se presta ao caráter distintivo da narrativa como uma *canção de amor* com final (quase) feliz.

O QUE NÃO PODEMOS AFIRMAR A PARTIR DE GÊNESIS 2

Uma vez que nossa proposta é analisar quais são as conclusões que podem ou não ser usadas tiradas a partir do texto, nos cabe apresentar algumas delas.

8.1. Gênesis 2 é um interlúdio necessário e não repetitivo

A primeira é que não podemos ler o texto fora do contexto do capítulo 1 e do capítulo 3, é um interlúdio fundamental para a descrição da criação da mulher, com suas devidas consequências, e da queda. Uma nova narrativa, no entanto, muito mais detalhada que aponta para um clímax mais intenso. Podemos afirmar que o capítulo 1 de Gênesis tem o propósito de mostrar a Deus como Criador e que o capítulo 2 aponta para o grande anticlímax do capítulo 3 quando o pecado se instala e dá-se início ao plano de redenção. A ausência do capítulo 2 não nos daria base para compreensão destas relações, ou seja, da relação existente entre o homem e a mulher, e de como o pecado se instalou. A consequência mais grave seria uma compreensão falha e parcial dos motivos que tornaram necessária a redenção por meio do sacrifício de Jesus Cristo. Toda narrativa bíblica estaria comprometida.



8.2. Apesar do sopro ainda somos pó

Em segundo lugar, é que o texto não pode ser usado para defender a ligação espiritual do Homem com Deus *per se*, mas sua “ligação material com a natureza” por meio do pó da terra como ser criado/formado. Pode parecer chocante a princípio esta primeira informação, mas se quisermos defender a imagem e semelhança do homem com Deus, devemos voltar à Gênesis 1.26-27. A expressão *nephesh* nos aponta apenas que o homem passou a viver, ser um ser vivente, a partir do momento em que o folego de vida lhe é soprado nas narinas. Neste sentido, o texto de Gênesis 2.7 é uma continuidade daquilo que nos é narrado em Gênesis 1.26-27. Conforme vimos em 1 Coríntios 15.45, Paulo usa esta distinção para enfatizar um modo de vida inferior, mas que pode ter, mediante a ligação com Cristo, a manifestação de uma vida espiritual, de cima.

8.3. Fomos (e não voltamos) à estaca zero

Além disto, o texto não pode ser usado isoladamente para defender alguma superioridade do homem, mas a unidade orgânica do homem com a mulher e a natureza em uma relação de responsabilidade e cuidado, basta observar as consequências a partir do pecado. O uso cuidadoso das expressões hebraicas, como vimos, procura desviar qualquer um que queria atribuir ao homem características de um semideus, mas devemos concordar que mesmo nesta condição, o homem gozava de melhor relação com Deus e a ordem criada e que o pecado representou uma verdadeira queda da sua condição naquele momento, um retrocesso.

8.4. Nem dicotomia nem tricotomia, mas unidade

O texto não pode ser usado para defender a dicotomia e nem a tricotomia já que não é o propósito do texto. A massa informe não é nada até que lhe seja soprado o espírito de vida, assim *nephesh* é a vida que o homem recebe, o homem é *nephesh*, ele não tem uma *nephesh* constituinte. O texto procura apresentar o homem como uma unidade diante da criação e diante de Deus. O que é o homem? Alguém que tem corpo, alma e espírito? Mas quem seria este que possui corpo, alma e espírito? A questão da dicotomia e tricotomia é, pelo menos



teologicamente, mais didática do que prática, já que somos, em última instância, uma unidade, nephesh.

QUE PODEMOS AFIRMAR A PARTIR DE GÊNESIS 2

Agora segue o que podemos afirmar a partir do texto.

9.1. Recebemos vida para encontrar a Vida

O texto coloca o homem em uma condição especial na sua relação com Deus no sentido que não é apenas uma criação química, sem alma ou vida, mas especial e não deve correr o risco de abrir mão desta relação. Pelo contrário, buscá-la. O sopro por si só não ligou o homem a Deus, mas lhe conferiu vida, e esta vida deveria ser construída, logo mantida e preservada por meio da comunhão constante, obediência e manutenção de todas as suas atribuições no Éden. Era o que lhe estava proposto naquele momento, como se Deus lhe dissesse: Lhe provi de todas as condições para ter comunhão comigo, agora venha e a tenha! Juntamente com ela a possibilidade de não querê-la. Opção que ambos, Adão e Eva, tomaram. Agora, por meio de Cristo temos a oportunidade de ter vida novamente e não apenas psique, mas pneuma, conforme vemos em João 20.22: “*E com isso, soprou sobre eles e disse: Recebam o Espírito Santo*”.

9.2. De pó a vapor, cada vez mais diluídos pelo pecado

O texto pode ser usado para trabalhar a fragilidade do homem feito do pó da terra. Como já apontamos, a ideia de barro ou argila é tardia, aqui o que temos é pó. Podemos indicar com isto que o homem é feito da matéria solta sobre a terra sólida ou suspensa no ar. Neste sentido, frágil, mas ao mesmo tempo, como parte deste todo. Podemos aqui recorrer a Tiago 4.14, quando fala da vida com um vapor que aparece e logo desvanece, ou seja, sendo do pó somos frágeis e logo nos vamos.

9.3. Apesar de iguais, cada um no seu lugar

O texto pode ser usado para falar da integração do homem com a mulher apesar de suas origens distintas. A mulher é parte do homem, foi feita depois do



homem, foi feita a partir do homem. As consequências disto são muitas: a submissão feminina, a liderança masculina, a submissão como cooperação, ajuda, parceria e companheirismo, a unidade familiar e dignidade de ambos. Serve também para, a partir da desobediência e instalação da condição de pecadores, apontar os desvios decorrentes: o sofrimento do homem para trabalhar, a submissão dolorosa da mulher, problemas no parto, a sujeição da natureza ao homem, etc. Assim, o texto aponta para a unidade orgânica do homem com a mulher e a e o restante da criação e justifica as consequências devastadoras da queda narrada em Gênesis 3. A pergunta que lemos logo a seguir, em 3: 9: “Onde estás?” faz todo sentido, mesmo que Adão não tenha aparecido durante o diálogo da mulher com a serpente e não tenha demonstrado qualquer resistência quando ao fruto lhe foi oferecido. As diferenças entre homens e mulheres são funcionais e não essências. Ou seja, desempenham funções diferentes, mas na essência são os mesmos.

9.4. Apenas homem e apenas mulher

Em tempos que temas como a homossexualidade, o papel da mulher e questões de igualdade de gêneros são tão presentes, um texto como este deve elucidar o fato de que fomos criados ou como homens ou como mulheres, que a mulher tem um papel que difere funcionalmente do papel do homem sem que lhe seja diminuída a dignidade, que a liderança e cuidado cabem ao homem e que mulheres são diferentes de homens tendo, assim anseios, necessidade e vocações diferentes.

9.5. Não apenas Criador, mas um Grande e Amoroso Artista

O texto apresenta o Senhor Deus como criador (artífice do homem), um ser criado de modo especial, mesmo que o texto não mostre algo muito além de um ser vivente, mas um ser que foi moldado pelas mãos do próprio Deus. Frágil, mas especial.

9.6. Partindo de antes do zero, para a Eternidade

Da mesma forma, o texto mostra que como caímos, voltando a antes do zero, ou seja, quase como animais distantes de Deus, a redenção em Cristo se



reveste de toda significância possível, ou seja, n'Ele temos nossa redenção não apenas a uma condição Edênica de nephesh, ou seja, de um ser terreno, mas para uma condição espiritual superior na Eternidade, revestidos de uma nova humanidade redimida em Cristo.

CONCLUSÃO

Como dissemos no início, estamos cientes de todos os riscos da interpretação, mas que não nos inibiu de fazê-la.

Nossa alegria é grande em poder concluir que o Senhor Deus, como Grande Criador, além de todo Seu poder, quis por meio de um ato de amor e carinho, criar-nos seres frágeis para o louvor da sua glória e que, mesmo tendo desobedecido e optado pelo mal, mesmo diante da oferta tão grandiosa de bens e bênçãos, ainda assim nos acolhe e tem deixado claro Seu Plano de nos salvar.

Maior alegria ainda a de perceber que a condição edênica, que nos causa verdadeira admiração, era apenas terrena e material, e que nossa condição final, é celestial e espiritual.

Em Cristo, as ofertas e bênçãos são de fato maiores do que podemos imaginar, e mesmo pequenos vislumbres, como a condição de vida do homem no Éden, que nos enchem a imaginação de alegria, ainda são pouco diante do que há, em Cristo, diante de nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEALE, G.K., *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014, 1415 pág.

CHAMPLIN, R.N. *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Hagnos, 2001, V. 1.

GABEL, John B e WEHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

KIDNER, Derek. *Gênesis*. Introdução e Comentário – Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica*, uma nova abordagem a interpretação bíblica, São Paulo: Vida Nova, 2009.

Aula 03 – Antropologia Bíblica



PINHEIRO, Jorge. *Somos a imagem de Deus: Ensaio de Antropologia Teológica*. São Paulo: Ágape, 2001.

RENDTORFF, Rolf. *A Formação do Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998.

SANTOS, Vicente de Paula dos. *Imaginário Evangélico e Contemporaneidade: possibilidade de reflexão sobre a realidade evangélica em confronto com alguns objetos da atualidade*. São Paulo: Edição dos Autores, 2005.